

Rio de Janeiro, 1821...

RUBEM BRAGA

FALEI, na última crônica, do livro de Vicente Pérez Rosales. O autor conheceu o Rio em circunstâncias muito especiais. Um tal Lord Spencer, comandante da fragata «Owen-Gledower», ofereceu-se ao pai de nosso autor (que a essa altura era um rapazinho endiabrado de 14 anos), para levar o menino em uma viagem de ida e volta à Europa. Ele aprenderia artes marítimas e inglês. Não se sabe porque, quando a fragata chegou ao Rio, a caminho da Europa, Lord Spencer mandou desembarcar o rapaz na Praia Grande, hoje Niterói. Um oficial apiedou-se dele, e antes do barco sair, deu-lhe algum dinheiro e o recomendou a algumas pessoas. Vicente viveu dois anos no Rio, na casa do Cônsul do Chile, sendo levado de volta a Santiago, aos cuidados de Maria Graham, no «Doris».

Rosales recorda sua primeira noite na Praia Grande; uma negra velha deu-lhe banana, goiaba e cana. Assistiu à inauguração de um barco a vapor que o Rei Jorge IV da Inglaterra mandara de presente a D. Pedro; mas o que mais lhe chamou a atenção foi a escravidão. Cita dados oficiais colhidos não diz onde: de 52 barcos negreiros que chegaram ao Rio, vindos da África, no ano de 1823, desembarcaram... 19.173 escravos; havia saído da África 20.610 e nada menos de 1.437 havia morrido na travessia e sido lançados ao mar.

Conta como era um mercado de escravos: «O comprador procedia a um minucioso exame de cada negro que desejava comprar. Mandava-o ficar de pé como uma estátua e o examinava da cabeça aos pés. Fazia-o curvar-se, levantar pesos ou sustê-los com os braços estendidos, para calcular sua força muscular; apertava-lhe o peito e a cintura, para ver se sofria de alguma dor, e mandava-o abrir a boca, para examinar a dentadura; submetia-o, enfim, ao exame a que no Chile só submetemos um cavalo, antes de ajustar seu preço». Viu negros serem castigados na rua «sem que os passantes se impressionassem mais com isso do que um transeunte de Santiago se impressiona, quando vê um carroceiro brutal castigar uma cavalgada debilitada».

Conta um fato que presenciou, um dia em que almoçava na casa do Sr. João Santiago Barros. «Tratava-se de um presente que esse senhor queria fazer a um seu amigo, de quem ouvira dizer que precisava de uma negrinha para a sua senhora. Já havia comprado uma recém-desembarcada, e que teria como dezesseis anos de idade. Para estar mais seguro de que o presente era digno da pessoa a quem o destinava, fez vir à sala de jantar a negrinha, muito bem lavada e penteada, envolta apenas em um lençol; e na presença de todos mandou que retirasse o lençol, sem se lembrar sequer de que eu e um filho seu estávamos presentes! A infeliz criatura, que mais parecia uma estátua de ébano que um ser animado, depois de merecer a aprovação de todos os presentes, foi vestida e mandada ao seu destino».

Conta Rosales o episódio de nossa Independência, fala das belezas do Rio e de sua volta ao Chile. Em 1825, novamente passa pelo Rio, a caminho da França, e não acha a cidade mudada; conta com asco, o hábito de esvasiar nas praias o conteúdo dos famosos «tigres», dizendo que as praias mais bonitas eram as que tinham pior cheiro. Fala também do côro de eunucos na Capela Imperial, vindos da Itália. «Tinham aqueles infelizes coristas, voz de mulher, cara de criança e abdome de elefante. Seriam mais felizes que os outros homens? Quem poderia dizê-lo».

E com esta filosófica pergunta, encerra o capítulo dedicado à nossa sempre bela e sempre suja cidade....

M 697
CM 9.7.55
"O Flac" - Nov 1977

DN 6.4.67

303